



António Rendas deu o título de *honoris causa* a Vargas Llosa e Francisco Pinto Balsemão foi o padrinho

Vargas Llosa, doutor *honoris causa*, defende o compromisso cívico do escritor

Cultura
Catarina Moura

Ao receber o título *honoris causa*, o Prémio Nobel da Literatura 2010 lembrou o amigo José Cardoso Pires e a literatura como arma

Com o auditório da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa (UNL) cheio, Mario Vargas Llosa entrou vestido com um traje preto atrás de um cortejo académico composto por docentes da universidade, enquanto o coro desta instituição cantava. Pouco depois, o reitor colocava ao Prémio Nobel da Literatura 2010 uma insígnia azul e Mario Vargas Llosa tornava-se doutor *honoris causa* da UNL.

Seguiram-se os discursos. Foi então que o escritor peruano, de 78 anos, recordou o seu “amigo português”: José Cardoso Pires (1925-1998). Conheceu-o quando ambos davam aulas na Universidade de Londres, nos anos 1960, e ontem no auditório da Reitoria, tantos anos depois, agradeceu ao amigo ter-lhe dado a ler aquele “que ainda hoje” é um dos seus poetas favoritos: Fernando Pessoa. “Leio-o com prazer e, acredito, com algum proveito”, disse Mario Vargas Llosa com a sua grave e pausada voz. Lembrou ain-

da que quando se conheceram, os dois amigos “estavam convencidos que a literatura é uma arma eficaz para combater as injustiças e que, como dizia Sartre, as palavras são actos”.

Para o Prémio Nobel da Literatura 2010, o escritor não é um mero produtor de entretenimento. “A função do escritor não acaba em escrever bem. Há um compromisso cívico de defesa dos direitos humanos”, afirmou e acrescentou que aquele que escreve deve opor-se a tudo o que ameaça estes direitos, como as ditaduras.

Recordou a sua ligação forte às universidades, desde que foi aluno na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, até à sua carreira como professor: aí aprendeu “o enorme prazer que produzem as boas leituras”, considerando que “a cultura é a melhor defesa contra a barbárie e, como diz Popper, o regresso à tribo”.

Na reitoria estiveram presentes o secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, o secretário de Estado da Saúde, Manuel Ferreira Teixeira e o antigo Presidente da República Mário Soares a assistir à sessão formal presidida pelo reitor da UNL António Rendas. O professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) Nuno Júdice foi o proponente do título, e o presidente do conselho da FCSH

e também doutor *honoris causa* por esta universidade Francisco Pinto Balsemão, foi o padrinho, ou seja, aquele que pede simbolicamente a condecoração.

Enquanto proponente do doutoramento *honoris causa*, Nuno Júdice destacou no seu discurso que Vargas Llosa não é apenas um escritor, ou um ensaísta, ou um político – estas “são faces complementares do seu trabalho, e por serem inseparáveis, escolher um único caminho seria uma redutor. Nenhum aspecto se sobrepõe ao outro”, disse o professor e poeta.

Na curta conferência de imprensa que se seguiu à cerimónia de atribuição do título *honoris causa*, Vargas Llosa lembrou a sua mais visível intervenção política – a candidatura em 1990 à presidência do Peru: “aprendi que não sou um político, participo no debate político”.

Questionado sobre diversos temas da actualidade, o autor de *O herói discreto* (ed. Quetzal) falou da corrupção como “o maior perigo do nosso tempo”: “sempre existiu, mas hoje é tolerada” e por isso pode mais facilmente “corromper as raízes da democracia”. Sobre o conflito israelo-palestiniano, disse que há “uma maior intransigência” da parte de Israel e que a comunidade internacional, por exemplo os Estados Unidos, “têm de actuar de uma forma mais enérgica”.